

Ano de incertezas

LUÍS OSVALDO GROSSMANN

DA EQUIPE DO CORREIO

As promessas do governo sobre a recuperação da economia em 2004 não estão convencendo analistas que acompanham o desempenho do país. A manutenção da taxa de juros (Selic), em 16,5% ao ano, nas duas reuniões já realizadas pelo Conselho de Política Monetária, e a constatação de que o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas no país em um ano, caiu 0,2% em 2003 tiveram o efeito de um balde de água fria nas expectativas.

Não bastasse isso, ainda há incertezas sobre o impacto da crise política — que atingiu o centro do poder com as denúncias de envolvimento de um ex-assessor da Casa Civil com o jogo do bicho — na economia. Diante desse quadro, não é de surpreender que, em geral, as consultorias especializadas estejam revisando para baixo as projeções que tinham para este ano.

“Tivemos uma mudança de expectativa em relação à Selic, o que inibe o setor produtivo a fazer novos investimentos, porque inibe a crença no crescimento”, avalia o economista Alessandro Agostini, da Global Invest. Ele explica que o empresário que pensa em tomar um empréstimo para aumentar produção, espera o crescimento, mas fica na dúvida.

“Porque se não houver crescimento, ele vai ter prejuízo. E aquele dinheiro, que ele ia aplicar em investimentos, acaba ficando no CDI, garantindo um rendimento de 10% só com o

trabalho de dar um telefonema”, diz Agostini. A Global Invest, que em janeiro previa um crescimento de 4,1% no PIB, revisou a previsão para 3,7% e, agora, calcula que ele não será superior a 3,4%. A consultoria também mudou a projeção para a Selic, de 14% para 15%.

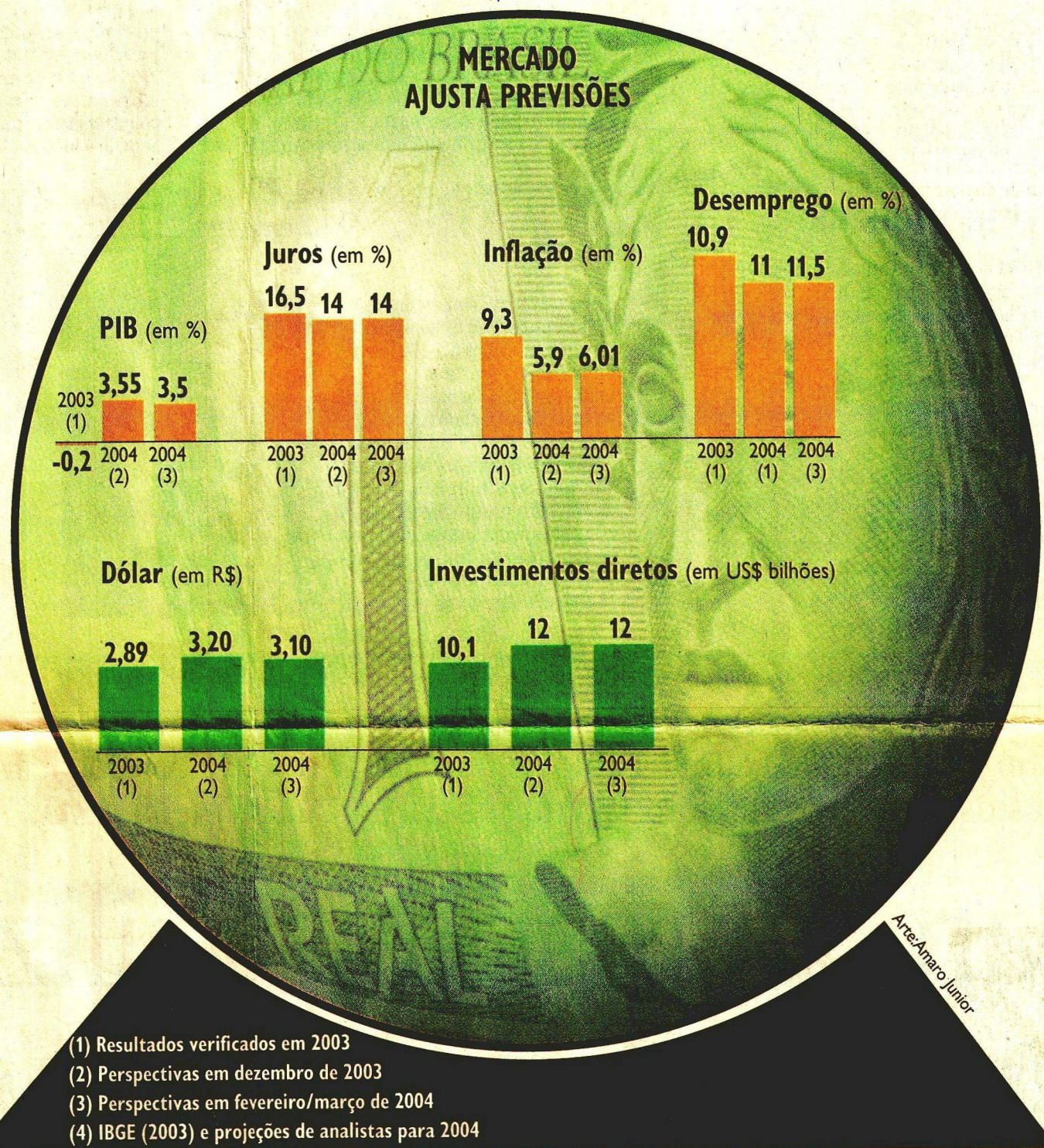
Essa expectativa de PIB já é menos, portanto, do que prevê o governo (crescimento de 3,5% do PIB em 2004). Mas tanto o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, quanto o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, insistem que o crescimento já começou, apesar da queda do PIB no ano passado. “O último dado trimestral é muito bom. É com ele que devemos trabalhar para avaliar o crescimento de 2004. Se nós olharmos o que aconteceu

no último trimestre de 2003, vemos que a economia cresceu 1,5% em relação ao terceiro trimestre. Anualizando essa taxa, é um crescimento de 6%”, tem defendido o ministro da Fazenda.

Para a economista Lidia Goldenstein, da MB Associados, há um certo exagero no otimismo do ministro. “É uma leitura muito generosa do último trimestre, uma leitura politizada”, acredita ela. Até porque, lembra, não se pode esquecer que o governo está paralisado com a crise política. “A crise paralisa o governo. Já havia dificuldades para

governar e com esse cenário fica ainda mais difícil. Porque o governo passa a apagar incêndios e não consegue governar”, completa a economista.

Além das amarras, os analistas apontam que o crescimento tem sido muito irregular — há números positivos dos setores exportadores e da agricultura (que também exporta), enquanto os setores que dependem do



IMOBILIDADE

“A CRISE PARALISA O GOVERNO. JÁ HAVIA DIFICULDADES PARA GOVERNAR E COM ESSE CENÁRIO FICA AINDA MAIS DIFÍCIL”

Lidia Goldenstein, economista

mercado interno amargam prejuízos. “Os setores que dependem de renda, porque vendem para o mercado interno, ainda vão demorar a perceber a recuperação”, diz o economista-chefe da LCA Consultores, Luis Suzigan.

Água fria

Não é por menos. No ano passado, o consumo das famílias ficou 3,3% menor, devido a queda na renda, que recuou 12,9% ao longo de 2003. O PIB per capita (por habitante) caiu 1,5% — o pior resultado desde 1992, quando re-

cou 2%. Ainda assim, na virada do ano os analistas acreditavam que a recuperação estava a caminho, como mostram as primeiras projeções para 2004. Mas logo no início de 2004, o Banco Central pegou todos de surpresa, ao manter a taxa de juros inócua. “A manutenção da Selic foi muito ruim, foi um balde de água fria nas expectativas econômicas”, completa Suzigan.

A LCA também reviu as projeções e reduziu de 3,8% para 3,5% o crescimento do PIB neste ano. Ainda assim, o Suzigan acredita que essa espécie de onda pessi-

mista vai passar. “A revisão foi muito branda, porque a gente confia que a crise política com o caso Waldomiro Diniz vai ser superada e que a taxa de juros vai voltar a cair, para um patamar de 15% até junho. Aí haveria uma tendência de melhorar as expectativas econômicas”, diz.

Para a economista Lia Valls Pereira, do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, é certo que haverá algum crescimento econômico porque a base de comparação é muito baixa — afinal, a economia brasileira ficou menor em

2003. Mas, para serem atingidas as promessas da equipe econômica, o governo terá que fazer mais. “Em algum momento, para que a profecia seja realizada, é preciso aumentar os gastos e reduzir os juros”, defende. Segundo ela, o conservadorismo dos gestores da economia busca garantir a confiança dos investidores em relação ao Brasil, mas a política econômica não pode se reduzir a isso. “É importante mostrar credibilidade no exterior, mas também não adianta querer isso com o PIB caindo”, completa.

Arte: Amaro Junior